



RELISE

**REDES DE COOPERAÇÃO NO TERCEIRO SETOR: LEVANTAMENTO
TEÓRICO DE DUAS REDES SOCIAIS ATUANTES NAS ORGANIZAÇÕES
NÃO-GOVERNAMENTAIS DA CIDADE DO RECIFE¹**

*COOPERATION NETWORKS IN THE THIRD SECTOR: THEORETICAL
SURVEY OF TWO SOCIAL NETWORKS ACTING IN NON-GOVERNMENTAL
ORGANIZATIONS IN THE CITY OF RECIFE*

Natália Lúcia da Silva Pinto²

João Paulo Pereira Lima³

Ana Regina Bezerra Ribeiro⁴

RESUMO

No cenário atual, as organizações pertencentes ao terceiro setor são desafiadas a pensar na sustentabilidade institucional. As redes surgem como alternativa para o compartilhamento das informações e para o estabelecimento das parcerias. Este artigo objetiva realizar um levantamento teórico sobre as redes Transforma Recife e Rede Pernambuco Voluntário para conhecer a sua atuação junto às Organizações Não-Governamentais. Para tanto, especificou-se apresentar a caracterização do Transforma Recife e da Rede Pernambuco Voluntário e descrever as formas de atuação das redes segundo as suas configurações. A coleta de dados foi realizada por meio eletrônico. Os resultados apontaram para as particularidades apresentadas por cada uma das redes pesquisadas, que versam sobre a configuração e a dimensão das redes. Ainda assim, notou-se que o empreendedorismo social é fundamental para o desenvolvimento dessas ações de transformação social.

Palavras-chave: redes de cooperação, redes sociais, terceiro setor, organizações não governamentais.

¹ Recebido em 13/09/2019. Aprovado em 16/09/2019.

² Universidade Federal Rural de Pernambuco. natalialuciapinto@gmail.com

³ Universidade Federal Rural de Pernambuco. joaopaulolima835@gmail.com

⁴ Universidade Federal Rural de Pernambuco. arbr@hotmail.com

Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 5, n. 6, p. 62-84, nov-dez, 2020

ISSN: 2448-2889



RELISE

63

ABSTRACT

Currently, the third sector organizations are challenged to think about institutional sustainability. Networks arise as an alternative for sharing information and establishing partnerships. This paper seeks to carry out a theoretical survey on the networks Transforma Recife and Rede Pernambuco Voluntário to know their work with the Non-Governmental Organizations. For that, it was specified to present the characterization of the Transforma Recife and the Rede Pernambuco Voluntário and to describe the ways in which the networks act according to their configurations. Data collection was done by electronic medias. The results points the particularities presented by each of these networks, with their configuration and their size. Thus, it was noted that social entrepreneurship is fundamental for the development of the actions of social transformation.

Keywords: cooperation networks, social networks, third sector, non-governmental organizations.

INTRODUÇÃO

As diversas transformações ocorridas em termos de economia e da configuração institucional fazem com que as organizações mudem o seu modo de atuação, de modo que interajam com outras instituições por meio das alianças, parcerias e redes de cooperação para criar estratégias de manutenção organizacional.

No cenário das mudanças, as organizações do terceiro setor têm o desafio de pensar continuamente nas suas relações com as organizações do mesmo setor e com as organizações do primeiro e do segundo setor, Estado e empresas privadas, respectivamente. Tal relacionamento deve repensar as maneiras de aumentar a sinergia entre estas organizações, assim como a profundidade e a solidariedade deste relacionamento. Assim, as redes organizacionais tomam espaço, fazendo com que as parcerias estabelecidas dentro das redes sejam encaradas como formas de sustentabilidade das organizações do terceiro setor (VALADÃO JÚNIOR; SOUZA, 2006).



RELISE

Neste enfoque, as capacidades de estabelecer parcerias e ações conjuntas mostram-se como bases de acesso à sustentabilidade institucional e apontam para as iniciativas que consolidam as parcerias com a sociedade civil e, conseqüentemente, a participação em redes, assim como a capacidade de estabelecer um debate político com o poder público, com órgãos de pesquisa, com o setor privado e com a mídia (ARMANI, 2011).

Na temática das parcerias e ações surgem os atores sociais que são responsáveis por ações de empreendedorismo social, capazes de colaborar com a busca pela sustentabilidade dessas organizações. Estes empreendedores são engajados na transformação social, na promoção de inovações sociais, na atuação como agentes de mudanças em busca de soluções inovadoras para os problemas sociais existentes e na atuação como líderes, cujo principal resultado consiste no impacto positivo das suas ações e no impacto que essas ações têm na vida dos seus beneficiários (MELO NETO; FROES, 2002; ASHOKA, 2017).

Na perspectiva mencionada, as propostas de ações empreendedoras a serem trabalhadas são: o Transforma Recife e a Rede Pernambuco Voluntário. A primeira foi criada em 2010, com vistas a viabilizar as atividades voluntárias no terceiro setor. A segunda funciona desde 2014, é uma iniciativa da Prefeitura da Cidade do Recife, que objetiva viabilizar o trabalho voluntário das organizações do terceiro setor cadastradas na plataforma social.

No contexto das necessidades de manutenção da sustentabilidade e no cenário das redes organizacionais, questiona-se: como se dá a atuação do Transforma Recife e da Rede Pernambuco Voluntário para as Organizações Não-Governamentais? Para responder a essa pergunta, o objetivo geral dessa pesquisa é realizar um levantamento teórico sobre as redes Transforma Recife e Rede Pernambuco Voluntário para conhecer a sua atuação junto às Organizações Não-Governamentais. Para tanto, os objetivos específicos



RELISE

traçados foram: a) apresentar a caracterização do Transforma Recife e da Rede Pernambuco Voluntário; e b) descrever as formas de atuação das redes segundo as suas configurações.

Este artigo trata-se de uma iniciativa de pesquisa inserida no campo da gestão social, tendo o empreendedorismo social como a articulação temática da pesquisa, levando em consideração as iniciativas focadas na transformação social. Compreende-se que tal estudo põe em evidência a relevância das redes sociais atuantes no terceiro setor e das suas contribuições, como o estreitamento das relações entre voluntários e organizações (e também entre setores socioeconômicos) e o estabelecimento de parcerias, sabendo que tais ações colaboram para a manutenção da sustentabilidade institucional e para a continuidade das atividades que promovem mudanças para os seus beneficiários, considerando o cenário instável em que estão inseridas.

Tendo em vista a criação de espaços de discussão para as interações sociais, as redes sociais estudadas congregam iniciativas de empreendedorismo social, que partem da esfera pública e da articulação entre os agentes do terceiro setor, revelando aspectos da gestão social que partem da criação de projetos e ações para suprir demandas sociais e destacam as ligações entre os agentes. Igualmente, a pesquisa ainda contempla a temática da sustentabilidade das organizações do terceiro setor - favorecida pela existência das redes sociais e de cooperação – abordagem de interesse da gestão social.

O objeto de estudo desta pesquisa está situado no empreendedorismo social na busca de transformações sociais e a temática abordada versa sobre práticas voltadas à sustentabilidade das instituições sem fins lucrativos, revelando a necessidade do debate sobre as alternativas para as organizações do terceiro setor e a disseminação das experiências positivas dentro da temática de interesse.



RELISE

66

As contribuições desta pesquisa versam sobre a oportunidade de cooperação entre instituições alocadas nos diversos setores socioeconômicos e aponta para os seus resultados, que são capazes de fornecer bases para as pesquisas no campo da gestão social e que oportunizam a descoberta de ações que tratam do fortalecimento institucional e a defesa de causas sociais.

Este artigo está organizado em seis seções: a primeira apresenta a temática, a questão-problema e os objetivos do estudo; a segunda e a terceira trazem as contribuições de diferentes autores sobre redes de cooperação, redes sociais e empreendedorismo social; a quarta traz os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa; a quinta traz os resultados.

DESENVOLVIMENTO

Redes de cooperação

Com as atuais demandas do mercado, as organizações precisam de novos métodos para se consolidarem no cenário que atuam, entre algumas estratégias competitivas das atividades comerciais se encontram as redes de cooperação. Esta interligação com as demais organizações perpetuam o aprimoramento nas estratégias no campo de atuação, esse estilo de gestão gera aprendizado para aqueles que estão integrados a ele e preenchem lacunas para a competitividade necessária na gestão (BOLWIJN; KUMPE, 1994).

As abordagens das redes de cooperação atingem diversos setores do mercado e são associadas com as efetividades das ações adotadas nas instituições. Olave e Amato Neto (2001) justificam que apesar das organizações estarem se aprimorando, não existe uma uniformidade de conceitos para definir as composições de redes e alianças. Essas atividades se relacionam com a cooperação, que segundo Gray e Wood (1991), é



RELISE

67

compreendida como um processo que ocorre de diferentes partes com uma visão de diferentes aspectos para um problema, e que ela ocorre quando um grupo se envolve em um processo interativo para solucionar o problema encontrado.

No Brasil, os estudos de redes de cooperação vêm sendo abordados com grande intensidade nos últimos anos, tendo sido observado um aumento na quantidade e na qualidade das pesquisas e das publicações que enfocam o tema, mesmo com esse rápido crescimento já foi capaz de estabelecer um campo estruturado de estudos no Brasil (BALESTRIN, VERSCHOORE e REYES JUNIOR, 2010).

Com base nas formas de atuação, na vinculação entre os parceiros e nos tipos de articulação, os princípios que norteiam o conceito de redes são: a cooperação; a interação; o relacionamento; a necessidade de eficiência adaptativa; a integração; a complementaridade e a ajuda mútua. No ambiente das Organizações Não Governamentais, as redes se posicionam como formas de parcerias organizadas junto ao próprio setor, ao mercado e ao Estado, em busca de recursos que irão assegurar a manutenção dos seus trabalhos, dadas as dificuldades destas organizações se sustentarem (VALADÃO JÚNIOR; SOUZA, 2006).

Conforme o seu grau de formalização, centralização e mecanismos de cooperação, as redes podem ser: sociais; burocráticas e proprietárias. Quanto às direções, as redes podem ser verticais, com os diversos componentes das cadeias produtivas; e horizontais que é a relação de cooperação entre os entes que atuam no mesmo setor de atuação e cooperam com os próprios concorrentes. Quanto à tipologia baseada na flexibilidade, as redes podem ser estáticas e flexíveis. As redes estáticas têm relação de cooperação estável e com baixa capacidade de reversibilidade entre os parceiros da rede. Já as redes flexíveis ocorrem em ambientes menos estáveis e mais



RELISE

68

propensos à reversibilidade. Quanto à tipologia baseada nas inter-relações, estas podem ser tangíveis, intangíveis ou concorrentes. As tangíveis surgem de oportunidades de compartilhamento das atividades na cadeia de valores entre as unidades empresariais, como produção e aquisição de tecnologias. As intangíveis tratam da transferência de “*know how*” gerencial entre as cadeias de valores independentes, não compartilham negócios, mas os tipos de compras, de processos de fabricação e de relações com o governo. As redes concorrentes existem em decorrência dos rivais que competem de fato (ou potencialmente) com a organização em mais de uma indústria (OLIVEIRA; GUERRINI, 2002).

O foco desta pesquisa recai sobre as redes sociais e a sua contextualização será apresentada na próxima seção.

Redes sociais

As redes sociais afetam os comportamentos e as instituições (GRANOVETTER, 1981). A teoria sobre redes sociais (*social networks*) é utilizada para estudar como os laços sociais entre os atores de determinada rede poderão afetar o desempenho da empresa (BALESTRIN, VERSCHOORE e REYES JUNIOR, 2010). Granovetter (2007) analisa a ação econômica imersa nas estruturas das relações sociais no âmbito da moderna sociedade industrial.

As redes sociais são caracterizadas pela ausência de um contrato formal que rege os relacionamentos dos integrantes e podem ser simétricas ou assimétricas. As redes sociais simétricas são as que não possuem um polo detentor de poder diferenciado, ou seja, todos os participantes possuem a mesma influência. E as redes sociais assimétricas são aquelas que têm um agente central. Nessa configuração existem contratos formais que se referem às especificações dos serviços e não ao relacionamento entre os seus



RELISE

integrantes. Esta última, as redes sociais assimétricas, é a forma de classificação das redes propostas para este estudo (OLAVE; AMATO NETO, 2001).

As áreas de redes de cooperação expõem a necessidade de empresas buscarem novas formas de gestão de seus negócios, com foco na cooperação por meio de redes sociais, em busca de melhores resultados e obtenção de vantagem competitiva (LOPES, CARVALHO e FLEURY. 2013, p. 647). Essas adaptações no modo de gestão se firmam com as mudanças no cenário comercial, as organizações necessitam de uma interação para melhor aproveitamento das suas ações.

Os conceitos de redes vêm se modernizando ao longo dos anos, suas alterações estão presentes nos estudos dos últimos anos, as dinâmicas das redes são necessárias ser conhecidas (DU et al., 2002), estudos a respeito de fatores motivadores iniciais denominados fatores de entrada, a dimensão do estudo da competição e fatores motivacionais (GIULIANI; BELL, 2005), sendo importante também as questões de confiança (FERRIN et al., 2006)

Lopes, Carvalho e Fleury (2013) afirmam que a maior relevância das redes de cooperação é o fato de que cada vez mais é preciso estar conectado em rede para obter vantagens tais como desenvolver e compartilhar competências; diminuir custos e riscos de pesquisa/produção; compartilhar e gerar novos conhecimentos; ter acesso a novos mercados, entre outras.

Atuação das redes no terceiro setor

É necessário destacar que o Primeiro Setor é o responsável pelas ações que são relacionadas às políticas públicas, este setor possui como principal objetivo o bem-estar social. O Segundo Setor destina-se ao setor privado que investe seus recursos em atividades para suprir as demandas da sociedade, seus objetivos relacionam-se com a aquisição de riquezas e



RELISE

70

obtenção de recursos. Já o Terceiro Setor contribui para o bem-estar social, sua atuação centra-se no vazio deixado entre os dois primeiros setores da sociedade (ALVES, 2004; TENORIO, 2005).

Visto os conceitos das redes sociais, essa abordagem no terceiro setor se adequa de maneira coerente com as exigências necessárias no setor de atuação. Existe um determinado incentivo à participação da sociedade civil nas questões nacionais, sob o argumento de que as complexidades regionais demandam um tipo de ação integrada por parte da sociedade, capaz de mobilizar diferentes competências na criação de soluções inovadoras e ajustáveis às particularidades locais (SOUZA; QUANDT, 2007).

Os movimentos associativos vêm adquirindo um crescimento significativo no cenário compartilhado e têm gerado a necessidade prática de enfrentar os desafios de gestão no Terceiro Setor, em especial na formação de redes solidárias em torno de questões centrais tais como o enfrentamento da fome e da miséria ou a superação dos graves níveis de subdesenvolvimento regionais (MACHADO; MACHADO, 1999).

Existem fatores que incentivam as articulações interorganizacionais em rede: eles podem ser estabelecidos como aliar interesses em comum; resolver um problema complexo; ou ampliar o raio de alcance das ações coletivas (MIGUELETTO, 2001). A gestão é estabelecida como um conjunto de papéis e sistemas de interações estratégicas e perpetua-se de maneira essencial, por ser o fator que conecta os demais componentes e gera coesão interorganizacional (BARDACH, 1998).

Mesmo não priorizando o lucro, as organizações do terceiro setor precisam apresentar resultados satisfatórios dos serviços prestados (ASSAF NETO; ARÁUJO; FREGONESI, 2006). Esses preceitos fornecem que as instituições que compõem o Terceiro Setor possam se posicionar de modo eficiente perante seus objetivos organizacionais. Além disso, a estrutura



RELISE

quase sempre flexível e informal das organizações do Terceiro Setor sobre a gestão de seus recursos cria um ambiente favorável para a manutenção de voluntários (SILVA; FERNANDES; NEVES; FEITOZA, 2015).

A rede como representação de conectividade, como meio de ligação, de simultaneidade e de interdependência torna-se um atrativo para compreender a dinâmica e a complexidade de uma gestão que deve associar atores – estatais e não-estatais – na resolução de problemas comuns dentro do espaço público (ANDRADE, 2006). As redes influenciam como um recurso no processo de gestão de políticas públicas das cidades, uma vez que elas se tornam auxiliares para compreender ações intersetoriais e a sua execução (JUNQUEIRA, 2004). Os autores concordam que as redes se mostram necessárias e relevantes nas organizações, sendo elas de iniciativas privadas ou sem fins lucrativos.

Empreendedorismo social, inovação e gestão social

Para falar do empreendedorismo social é necessário entender o empreendedorismo como o “envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades” (DORNELAS, 2008, p.22). Assim, verifica-se a inexistência de barreiras entre o empreendedorismo clássico e o empreendedorismo social, pois, ambos possuem as características: inovação; resiliência; comprometimentos com uma visão; e são entusiastas. A única diferença que se estabelece é o propósito de suas ações, que podem ser sociais ou financeiros. O empreendedorismo social é considerado uma atitude mental, principalmente, não sendo sinônimo de benevolência, pois se relaciona ao uso de práticas empresariais e ações empreendedoras, cujo foco recai no desenvolvimento de iniciativas de cunho social, primando pela autonomia em suas ações (BIGNETTI, 2011).



RELISE

72

Existem duas características que diferenciam o empreendedorismo social do empreendedorismo clássico. A primeira consiste em produzir bens e serviços não destinados à venda, mas para elucidar os problemas sociais existentes; e a segunda revela que o foco é direcionado para segmentos populacionais em situação de risco (MELO NETO; FROES, 2002).

O empreendedorismo social é conceituado como uma ação cujo propósito consiste em gerar a emancipação social e o desenvolvimento humano, em que é possível criar uma nova forma de consciência e postura, para enfrentar as questões sociais a partir de sua principal característica: a socialização das ideias e ações. Logo, será desenvolvido para resolver os problemas sociais existentes (BAGGENSTOSS; DONADONE, 2013).

Em relação às inovações sociais desenvolvidas para solucionar os problemas sociais, as mudanças sociais serão consequências do processo inovativo que ocorrerá por meio de três focos: indivíduos, organizações e movimentos. O primeiro foco trata das ações provenientes de iniciativas pessoais e que foram realizadas por indivíduos que buscam fazer a diferença, sendo o empreendedorismo social o principal enfoque deste estudo. No segundo foco, a organização será considerada como um arranjo cooperativo formal em que os propósitos individuais estão alinhados aos propósitos coletivos, abrangendo as empresas privadas e empresas sociais, as instituições públicas e privadas, os governos e outras formas de organização. O terceiro foco versa sobre os movimentos, que são agentes radicais de mudanças (BIGNETTI, 2011).

No desenvolvimento das ações socialmente empreendedoras, o empreendedor social é um tipo de líder, cujos planos e inovações são voltadas para a solução dos problemas sociais e que possui conceitos, ideias e metodologias que não são propriedades individuais (MELO NETO; FROES, 2002; ASHOKA, 2017). O entendimento é de que o empreendedorismo social visa a



RELISE

73

transformação social com base na reflexão junto às comunidades, no desenvolvimento de soluções para a inserção social, no exercício pleno da cidadania, na melhoria da qualidade de vida, na aproximação entre economia, sociedade e ética, no enfoque da sociedade em termos de geração de renda, produtividade, justiça social e ética, na criação de novas parcerias com a comunidade e os setores da economia e com o desenvolvimento de práticas sociais empreendedoras (MELO NETO E FROES, 2002).

A gestão social vem sendo abordada nos últimos anos por diversos estudos, neles são representados fatores que evidenciam a importância da gestão social como um todo nos setores organizacionais, sendo estas organizações de primeiro, segundo e terceiro setor citados anteriormente nesta pesquisa. De acordo com Fischer *et al.* (2006, p. 791) as organizações de caráter associativo, não-governamentais, não-lucrativos, conquistaram espaço entre sociedade e mercado, entre governo e sociedade e entre diferentes enclaves sociais. É por meio desta manifestação de espaço das organizações não governamentais e entre outras que a gestão social apresenta importância.

Fischer *et al.* (2006, p. 805) afirmam que a gestão social do desenvolvimento é um processo de mediação transformadora, que demanda competências construídas ao longo da trajetória de vida dos gestores. Seguindo esta afirmação da autora, nota-se que a gestão social é intensificada com o passar do tempo sendo assim aperfeiçoada neste período.

Este amadurecimento é decorrente da estrutura vivenciada pelos seus gestores, desde sua infância, a cidade, a cultura, esses elementos influenciam em seus futuros negócios. Sendo assim, observa-se que a gestão social contribui para a região em que ela está inserida sendo esta, resultado de todo esse ciclo em que seus gestores estão inseridos.

A Inovação encontra-se presente em diversos ramos que a gestão percorre, não é diferente com a gestão social. A gestão social mostra-se como



RELISE

74

uma inovação da disciplina da administração, tendo em vista seu direcionamento às causas sociais (FILHO, 2008). Sendo assim, além de ser uma parte inovadora da administração como um todo, a gestão social agrega diversos tipos de inovações para a sociedade com novos conceitos e novas estratégias.

A responsabilidade socioambiental está atualmente integrada nas organizações, seja por conscientização do gestor ou até mesmo devido às normas legislativas. As organizações têm mencionado estarem atuando de modo social e ambientalmente responsável e conseqüentemente estarem promovendo o desenvolvimento sustentável. Porém a avaliação de seus projetos socioambientais não é exposta com clareza de forma geral. A responsabilidade socioambiental pode ser por parte do desenvolvimento humano ou por proteção ao meio ambiente (HENDERSON, 2001, p.43). Esse posicionamento pode ser entrelaçado, possuir o desenvolvimento humano de forma satisfatória assim como a proteção ambiental, alcançando o ponto de equilíbrio, porém é um desafio encontrado na realidade das organizações sociais assim como nas organizações de interesse privado.

A próxima seção dedica-se a descrever os procedimentos metodológicos utilizados para a construção do trabalho.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa classifica-se como qualitativa, porquanto é caracterizada como um enfoque de pesquisa que “utiliza a coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 33).

O estudo também é classificado como descritivo porque busca especificar as propriedades, os traços e as características relevantes em um fenômeno a ser analisado, nesse caso as redes escolhidas para o estudo e as



RELISE

75

suas características. As pesquisas descritivas apontam as tendências de determinado grupo ou população e são importantes porque revelam com precisão as dimensões de um fenômeno específico (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

A coleta de dados foi realizada por dados secundários e foi efetivada por meio de consulta à plataforma do Transforma Recife, em que foram colhidas informações sobre a Rede, o quantitativo de organizações atuantes e as suas áreas de atuação. A coleta de dados é a etapa inicial da pesquisa para a aplicação dos instrumentos necessários a fim de efetuar a análise necessária dos dados previstos (MARCONI; LAKATOS, 2012). Para os dados sobre a Rede Pernambuco Voluntário, a pesquisa recorreu a consultas a sua página nas redes sociais e reportagens sobre a rede.

Após a coleta os dados foram sistematizados e dispostos na seção que versa sobre os resultados e as discussões da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização do Transforma Recife e da Rede Pernambuco Voluntário

Este tópico traz a descrição das Redes Transforma Recife e da Rede Pernambuco Voluntário.

Transforma Recife

O Transforma Recife funciona como uma plataforma que conecta instituições que necessitam de auxílio às pessoas que desejam contribuir com o trabalho voluntário na Cidade do Recife, Pernambuco. Para o funcionamento, a iniciativa conta com uma plataforma digital que cadastra os voluntários, como em uma rede social, cruzando os seus perfis com as oportunidades de trabalho, de acordo com as informações cadastradas na plataforma, formando



RELISE

76

assim uma rede de solidariedade. Além disso, o programa desenvolve ações de capacitação para o voluntariado nas organizações do terceiro setor (PREFEITURA DO RECIFE, 2017a).

O objetivo do Transforma Recife consiste em incentivar e fornecer apoio às pessoas que buscam desenvolver uma atividade voluntária na Cidade do Recife. O programa funciona da seguinte maneira: o voluntário cadastra-se na plataforma por meio do site www.transformarecife.com.br, informando local em que reside, os horários disponíveis e como pretende colaborar. As ONGs informam as suas demandas e o tempo médio de realização das tarefas. E a plataforma cruza os perfis de interesse com as oportunidades de voluntariado, o que viabiliza uma espécie de corrente do bem (G1 PERNAMBUCO, 2017).

O Transforma Recife teve início em julho de 2014 e, após um ano de funcionamento, já haviam sido cadastrados mais de 13 mil voluntários e 280 Organizações Não Governamentais (ONGs) (PREFEITURA DO RECIFE, 2017a). No segundo ano de atuação, o programa ultrapassou a marca de 80 mil voluntários e contou com 420 instituições cadastradas. Conhecida como a primeira plataforma digital de voluntariado no Brasil, o Transforma Recife já atingiu mais de 700 mil horas de trabalhos voluntários prestados (PREFEITURA DO RECIFE, 2017b).

O projeto da plataforma trabalha com dois eixos: o tecnológico e o de conexões humanas. O primeiro diz respeito à organização enquanto plataforma em que as organizações podem se cadastrar e oferecer vagas de trabalho em um local. O segundo trata da ação de aproximação de milhares de pessoas com um objetivo comum: ajudar ao próximo. Além da plataforma digital, a Prefeitura da Cidade do Recife mantém uma sala física do projeto, que funciona como ponto de informação aos usuários, como espaço de capacitação e reunião com representantes das ONGS e



RELISE

77

consultoria para o planejamento e melhoria destas organizações (HENRIQUE BARBOSA, 2017).

Com esse programa, a Prefeitura da Cidade do Recife recebeu o prêmio Inovacidade 2016, que reconhece as práticas inovadoras e os desafios da transformação urbana sustentável. O Transforma Recife também serviu de inspiração para a criação de iniciativas semelhantes, como para a cidade de Petrópolis (Rio de Janeiro) e Campinas (São Paulo). O projeto foi mais além, e no ano de 2017, foi apresentado ao Papa Francisco e à cúpula da Igreja Católica no Vaticano (Itália) pelo prefeito Geraldo Júlio, que apresentou as experiências das incubadoras de empreendedorismo social, o Transforma Recife e o Porto Social (PREFEITURA DO RECIFE, 2017b).

Rede Pernambuco Voluntário

A Rede Pernambuco Voluntário foi fundada em 2010 e tem o objetivo de convocar e capacitar novos voluntários por meio de um sistema de treinamento permanente, e armazenar as informações dos voluntários em um banco de dados, além de oferecer suporte necessário às atividades de voluntariado nas instituições envolvidas (REDE PERNAMBUCO VOLUNTÁRIO, 2017). A Rede é composta por 29 Organizações Sociais, com as mais diversas áreas de atuação, como causas sociais e responsabilidade social; e trabalha com o objetivo de incentivar a solidariedade. Para tanto, são realizados, mensalmente, treinamentos para voluntários atuarem nas instituições e no ano de 2016 foram feitos cerca de 300 treinamentos (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2016).

As ações desenvolvidas na Rede Pernambuco Voluntário têm o objetivo de preparar pessoas para o voluntariado, concedendo, durante os treinamentos, uma visão geral sobre o trabalho voluntário e enfatizando a importância das organizações do terceiro setor. Após a capacitação os



RELISE

78

voluntários escolhem as instituições que irão atuar conforme os seus interesses. A Rede se constitui como um projeto coletivo que visa estimular a prática do voluntariado e organizar os processos contributivos para ações conjuntas (G1, 2012).

A Rede possui contato com a representação do Setor de Voluntariado da Organização das Nações Unidas (ONU) para a viabilização de um projeto de integração com outros grupos que têm atuação semelhante a nível nacional e internacional (G1, 2012).

Atuação das redes

No que se refere ao perfil de atuação das redes, o Transforma Recife atua com organizações de perfis de atuação diversos, seja para o voluntariado ou para a arrecadação de donativos. Não foi possível indicar quais as causas específicas, dado o quantitativo elevado de ONGs cadastradas (500), assim como não foi possível definir de forma mais clara as instituições participantes da rede, uma vez que a participação na rede é descontinuada.

No que se refere à Rede Pernambuco Voluntário, foram identificadas 29 organizações participantes, atuantes em causas de promoção de direitos para crianças e adolescentes, assistência em saúde, atenção ao idoso, educação, educação especial e voluntariado. As categorias e os seus respectivos quantitativos estão dispostos no Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias de Atuação das ONGs

CATEGORIAS	QUANTITATIVO
Promoção de Direitos para Crianças e Adolescentes	14
Assistência em Saúde	7
Atenção ao Idoso	1
Educação	
Educação Especial	3
Voluntariado	1

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)



RELISE

Como aponta Migueletto (2001), as articulações em rede são estabelecidas para aliar interesses comuns, assim como ampliar o alcance das suas ações coletivas. Como é expresso no quadro 1, a Rede Pernambuco voluntário é formada por organizações que possuem interesses comuns.

As atividades desenvolvidas no âmbito das redes apontam para o predomínio das ações socialmente empreendedoras, cujo enfoque reside na proposta de mudança social, por meio da atuação das organizações (MELO NETO: FROES, 2002). A disposição das organizações em rede permite que estas mantenham a sua sustentabilidade, assim como as coloca em posição de evidência frente ao seu segmento de atuação. Como apontam Valadão Júnior e Souza (2006), os princípios norteadores das redes - cooperação, interação, relacionamento, integração, complementaridade e ajuda mútua - permitem que as redes estejam posicionadas junto ao Governo, ao mercado e ao próprio setor, para buscar recursos para manter as atividades das organizações se sustentarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A configuração em redes mostra-se relevante por possibilitar que as instituições estejam adeptas às interações sociais e que ocorra uma troca de conhecimentos, bem como uma maior integração entre os entes participantes de cada rede. No contexto do terceiro setor, as redes são vetores importantes da sustentabilidade organizacional, ou seja, contribuem de forma significativa para o estreitamento do relacionamento entre os parceiros e para uma maior visibilidade dos seus trabalhos, o que lhes assegura a sua continuidade.

Nesta pesquisa foi realizado um levantamento teórico da atuação de duas redes voltadas para atuação no terceiro setor, de naturezas diferentes, posto que uma é iniciativa da esfera política municipal e a outra é fruto das articulações do terceiro setor. Sendo assim, notamos diferenças nas suas configurações, desde a sua dimensão à sua configuração. Sendo assim, no



RELISE

80

Transforma Recife verificou-se um quantitativo maior de participantes de diversas atuações, porém devido à não continuidade das vinculações não foi possível categorizar todas as organizações. No caso da Rede Pernambuco Voluntário, o seu quantitativo maior de integrantes permitiu a separação das instituições participantes em categorias definidas por sua área de atuação, sendo possível perceber que a maioria das organizações trabalha na promoção de direitos para crianças e adolescentes.

Não menos importante, o empreendedorismo social faz-se presente nas redes organizacionais, uma vez que o principal fruto - as transformações sociais - advém das ações empreendedoras dos atores sociais que criam iniciativas como as redes, para o compartilhamento das informações e para o trabalho colaborativo.

Assim, com base nas pesquisas, foi despertada a necessidade de estudos futuros que estudem o relacionamento e a comunicação entre as organizações e as redes que elas integram, e conhecer as principais mudanças ocorridas após a participação nas redes e as limitações percebidas com a participação.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, J. A.. Redes de Atores: Uma Nova Forma de Gestão das Políticas Públicas no Brasil? *Gestão & Regionalidade*, 2006.

ARMANI, D. O Desenvolvimento Institucional como condição de sustentabilidade das ONG no Brasil. In: Câmara, C. (Org.) *Aids e Sustentabilidade: sobre as ações das Organizações da Sociedade Civil*. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/Cd8SP6pdf>> Acesso em: 14 set. 2017.

ALVES, M.. O conceito de sociedade civil: em busca de uma repolitização. *Organizações & Sociedade*, v. 11, Edição Especial, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/fPp9Sh>> Acesso em: 19 dez. 2017.



RELISE

81

ASSAF NETO, A.; ARAÚJO, A. M. P.; FREGONESI, M. S. F. do A. Gestão Baseada em Valor Aplicada ao Terceiro setor. R. Cont. Fin. USP, São Paulo: Edição Comemorativa, p. 105-118, Set. 2006.

ASHOKA. Empreendedores Sociais. Disponível em: < <https://goo.gl/R8X4GS> > Acesso em 17 nov. 2017.

BAGGENSTOSS, S.; DONADONE, J. C. Empreendedorismo social: reflexões acerca do papel das organizações e do estado. Gestão e sociedade · Belo Horizonte · Volume 7 · Número 16 · p. 112-131 · janeiro/abril 2013 · Disponível em: < <https://goo.gl/pL7FPS> > Acesso em 17 nov. 2017.

BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J. R. ; REYES JUNIOR, E.. O Campo de Estudo sobre Redes de Cooperação Interorganizacional no Brasil. RAC, Curitiba, v. 14, n. 3, art. 4, pp. 458-477, Mai./Jun., 2010.

BARDACH, E.. Getting Agencies to Work Together: The Practice and Theory of Managerial Craftsmanship. Washington, D.C.: Brookings Institution, 1998.

BIGNETTI, L. P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 47, N. 1, p. 3-14, jan/abr 2011 Disponível em: < <https://goo.gl/BD4ndM> > Acesso em: 17 fev. 2014.

BOLWIJN, P.T.; KUMPE, T. Manufacturing in the 90's – productivity, flexibility and innovation. Long Range Planning, v. 23, n.4. 1994

BRITO, T. Rede Pernambuco Voluntário promove nova capacitação gratuita. 2016. Disponível: < <https://goo.gl/LB92rA> > Acesso em 19 dez. 2017.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Rede Pernambuco Voluntário promove capacitação para novos participantes, 2016. Disponível em: < <https://goo.gl/6kZxN7> > Acesso em 19 dez. 2017.

DORNELAS, J. C. A. Empreendedorismo: transformando idéias em negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DU, WB; CAO, XB; ZHENG, HR; ZHOU, H. Evolutionary games in multi-agent systems of weighted social networks. International Journal of modern Physics, v. 20, n. 5, p. 701-710, 2010.



RELISE

82

FERRIN, D.L.; DIRKS, K.T.; SHAH, P.P. Direct and indirect effects of third-party relationships on interpersonal trust. *Journal of Applied Psychology*, v. 91, n. 4, p. 870-883, 2006.

FILHO, G. C. F.. *Definindo Gestão Social*. 2008. Disponível em: < <https://goo.gl/sXGj5T> >. Acesso em: 19 de abril de 2018.

FISCHER, T.; MELO, V. P.; CARVALHO, M. R.; JESUS, A.; ANDRADE, R. A.; WAIANDT, C.. *Perfis visíveis na gestão social do desenvolvimento*. RAP. Rio de Janeiro, 2006.

G1 PERNAMBUCO. *Projeto Viabiliza Trabalho Voluntário no Recife Através de Rede Social*. Disponível em: < <https://goo.gl/f2qaoY> >. Acesso em 17 nov. 2017.

_____. *No Recife, capacitação para trabalho voluntário tem inscrições gratuitas*. Disponível em: < <https://goo.gl/XDBzbF> > Acesso em 19 dez. 2017

GIULIANI, E.; BELL, M. The micro-determinants of meso-level learning and innovation: evidence from a Chilean wine cluster. *Research Policy*, v. 34, n. 1, p. 47- 68, 2005.

GRANOVETTER, M. Toward a sociological theory of income differences. In I. Berg (Ed.). *Sociological Perspectives on Labor Markets* (pp. 11-47). New York: Academic Press. 1981.

GRANOVETTER, M. (2007). *Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão*. RAE-eletrônica. Disponível em: < <https://goo.gl/NNEGNA> > . Acesso em: 19 nov. 2017.

GRAY, B. & WOOD, J. (Ed.): *Collaborative alliances: Moving from practice to Theory*. *Applied Behavioral Science*, vol. 27, number 1 and 2, March/June, 1991.

HENDERSON, D. *Misguided virtue: false notions of social corporate responsibility*. London: Institute of Economic Affairs. 2001. Disponível em: < <https://goo.gl/m519uo> >. Acesso em 20 de abril de 2018.

HENRIQUE BARBOSA. *Geraldo Leva Experiências do Transforma Recife e do Porto Digital ao Vaticano*. Disponível em: < <https://goo.gl/p4hoUc> > Acesso em 17 nov. 2017.

IACOBUCCI, D.; HOPKINS, N. Modeling dyadic interactions and networks in marketing. *Journal of Marketing Research*, v. 29, n. 1, p. 5-17, 1992.



RELISE

83

JUNQUEIRA, L. P. . Descentralização, intersetorialidade e rede na gestão da cidade. *Organizações & sociedade*. v. 11, edição especial, p. 129-139, 2004.

LOPES, A. P.; CARVALHO, M. M.; FLEURY, A. C.C.. *Redes sociais e cooperação: um estudo bibliométrico*. São Paulo: Revista Científica Eletrônica de Engenharia de Produção, 2013.

MACHADO, A. L. T.; MACHADO, M. A. I.. *Las redes como instrumentos de transformación social*. Caracas, 1999. Disponível em: < <https://goo.gl/C3Lc35> > Acesso em: 19 dez. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MELO NETO, F. P.; FROES, C.. *Empreendedorismo Social: a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MIGUELETTO, D. C. R.. *Organizações em Rede*. Rio de Janeiro, 2001. 96 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas.

OLAVE, M. E. L.; AMATO NETO, J. *Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas*. v.8, n.3, p.289-303, dez. 2001. Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, R. F.; GUERRINI, F. M. *Características das tipologias de Redes de Cooperação entre Empresas*. In: *Anais do XXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção Curitiba – PR, 2002*. Disponível: <<https://goo.gl/eV3tFC>> Acesso em: 18 dez. 2017.

PREFEITURA DO RECIFE. *Transforma Recife*. Disponível em: <<https://goo.gl/Ns9aqn>> Acesso em 17 de nov. 2017.

_____. *Transforma Recife Oferece Curso Gratuito de Voluntariado*. Disponível em: < <https://goo.gl/Dy6xnU> > Acesso em 17 nov. 2017.

REDE PERNAMBUCO VOLUNTÁRIO. *Rede Pernambuco Voluntário (Página do Facebook)*. Disponível em: < <https://goo.gl/6kZxN7> > Acesso em 19 nov 2017.



RELISE

84

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.F ; LUCIO, P.B. Metodologia de Pesquisa. 5ª. Ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013

SCHUMPETER, J. A. Capitalismo, socialismo e democracia. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SILVA, L. F.; FERNANDES, K. R.; NEVES, A. M.; FEITOZAA. S. R.. As Redes de Relações Interorganizacionais para Prestar os Serviços do Terceiro Setor. Belo Horizonte - MG. REUNA, 2015.

SOUZA, Q. R.; QUANDT, C. O.. Governança de Redes Interorganizacionais e Níveis de Controle Formal: Atividades de Gestão do Conhecimento em uma Rede do Terceiro Setor. Paraná: Alcance, 2007.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TENÓRIO, F. G.. Gestão de ONGs: principais funções gerenciais. 9. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

TOZONI-REIS, M.F.C. Metodologia da pesquisa. Curitiba: IESDE, 2009.

VALADÃO JÚNIOR, V. M. ; SOUSA, E. G.. Redes em organizações sociais: limites e possibilidades. In: IX Semead, 2006, São Paulo. IX Seminários de Administração. São Paulo: Fundação Instituto de Administração., 2006. v. 01. p. 01-16. Disponível em: < <https://goo.gl/qch6Nd>> Acesso em: 12 dez. 2017.